



## A LOGÍSTICA DO EXÉRCITO IMPERIAL BRASILEIRO NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA CONTRA SOLANO LÓPEZ\*

Maurício Braidá do Amaral

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo explorar a logística do Exército Imperial Brasileiro na Guerra da Tríplice Aliança contra Solano López. Para isso foi executada uma pesquisa exploratória e bibliográfica. O autor primeiro conceituou e elencou os fundamentos da logística milita, e dividiu-a em áreas de atuação. Na sequência, ele verificou as carências e necessidades do Exército para fazer frente ao inimigo, à luz do Plano de Caxias. A seguir, analisou as medidas tomadas para suprir o Exército ao longo do conflito, dentro de cada uma das áreas de atuação da logística. Concluiu que algumas medidas tomadas na logística de material, no que diz respeito à obtenção e distribuição dos meios de mobilidade, contribuíram decisivamente e de maneira negativa para o prolongamento da guerra e inação temporária do Exército Imperial após a Batalha de Tuiuti.

**Palavras chave:** Logística Militar, Exército Imperial Brasileiro, Tríplice Aliança

**Abstract:** The presente article had as objective an exploration on the logistic of Brazilian Imperial Army on the War of Triple Alliance against Solano López. To reach that, the author made an exploratory and bibliographic reserach. Then, he listed and conceptualized the fundamentals and concepts of the military logistic, dividing it in action areas. After, he observed the needs of the Army to face the enemy, in accordance with the Caxias Plan. In sequence, he analyzed the actions taken to supply the Army during the conflict, inside each one of the logistic areas. The author concluded that some actions taken in logistic of materials, in order to get and organize mobility means, contributed decisively and badly in the delay of the war and temporary immobility of the Imperial Army after Tuiuti Battle.

**Key words:** Military logistic, Brazilian Imperial Army, Triple Alliance

\*Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar.

## 1. INTRODUÇÃO

A Guerra da Tríplice Aliança contra Solano López (1864 – 1870) insere-se dentro do histórico e complexo contexto de disputas pelo estuário do Rio da Prata, iniciado no período colonial, fruto de uma mescla de fatores fisiográficos, econômicos, psicossociais, políticos e militares.

Para o Paraguai de Solano López a guerra teve início com o ultimato (e posterior invasão) do aliado uruguaio pelas forças brasileiras (agosto/1864). Para o Brasil (e em sequência, para a Tríplice Aliança), as hostilidades iniciam com o aprisionamento do vapor brasileiro Marquês de Olinda (novembro/1864). Seja como for, o inesperado conflito estendeu-se desde então até março de 1870.

Em 1864 o Exército Imperial encontrava-se em situação de precariedade: pequeno, sem reservas instruídas, mal armado e equipado. A maior parte encontrava-se estacionada em Montevideú, terminando a intervenção contra Aguirre. A partir deste núcleo, que passou a denominar-se 1º Corpo de Exército, tendo Osório a sua testa, criou-se um grande exército de campanha, capaz de fazer frente à ameaça.

Através de um desdobramento logístico impressionante, o Brasil se defendeu, contra-atacou e subjugou o inimigo. O efetivo inicial de menos de 9.000 (nove mil) homens em Montevideú salta para cerca de 50.000 (cinquenta mil) homens quando Caxias iniciou suas operações contra a fortaleza de *Humaitá*, em julho de 1867.

O objetivo deste trabalho foi analisar o esforço de guerra do Exército Brasileiro, no que se refere aos três subsistemas da Logística (pessoal, material e saúde); e seu respectivo Ciclo Logístico, bem como seu impacto nas operações militares. O autor observa aqui que estes fundamentos, inclusive o próprio conceito de logística como atualmente é compreendido nas operações militares, não haviam atingido a maturidade por ocasião do conflito em estudo.

Para atingir o fim deste trabalho foi preciso recorrer a um breve histórico da sistematização do estudo e emprego das atividades logísticas no âmbito das operações militares. Por fim, o autor utilizou conceitos atuais, oriundos do manual de logística do Exército Brasileiro do ano de 2014. Como fonte para coleta de dados a respeito das operações, o autor deste trabalho utilizou obras consagradas no meio acadêmico.

O autor da pesquisa destacou a extensa e detalhada obra de Tasso Fragoso, as Ordens do Dia de Osório; a obra de João Batista Magalhães, o compêndio oficial da História do Exército Brasileiro, do Estado Maior do Exército<sup>1</sup>; o elucidativo trabalho do General Paulo de Queiroz Duarte, bem como os enriquecedores testemunhos do general Dionísio Cerqueira e as cartas profissionais e pessoais do brigadeiro Andrade Neves.

A despeito dos problemas iniciais, após cinco anos de conflito, a guerra teve seu desfecho em favor dos Aliados. A Aliança cumpriu o previsto no primeiro Plano de Operações, da Primeira Junta de Guerra, composta por Brasil, Uruguai e Paraguai, bem como suas sucessivas evoluções e deliberações. Mas os entraves logísticos, bem como a evolução da estrutura de apoio a Força Terrestre, consumiu boa parte do tempo e do raciocínio de comandantes como Osório e Caxias.

As operações militares que tiveram seu desdobramento logístico analisado compreenderam os seguintes períodos cronológicos: o primeiro período é composto da preparação e emprego do 1º e 2º Corpo de Exército (fevereiro/1865 – maio/1866); o segundo, da entrada do 2º Corpo de Exército e das manobras conjuntas no período de estabilização do *front*, que vai desde a Batalha de *Tuiuti* (maio) até a de *Curupaiti* (setembro/1866); o terceiro, da assunção de Caxias e da retomada das operações ofensivas (outubro/1866 – janeiro/1869).

As operações de defesa do Rio Grande do Sul contra a coluna do tenente-coronel paraguaio Estigarribia (1865), bem como as operações de defesa e retomada do Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) deixaram de ser analisadas pelo autor devido ao caráter secundário que tiveram no amplo espectro da guerra. A perseguição a López na *Cordilheira* (1869 – 1870) também não constitui escopo do trabalho, por encontrar-se o Exército Imperial já em processo de desmobilização.

A seguir, no desenvolvimento do trabalho, o autor abordará a evolução e as definições da logística militar, de forma a nivelar conceitos e conhecimentos. A partir deste nivelamento, aborda-se o plano de operações apresentado por Caxias no início de 1865, bem como a situação inicial precária do Exército Imperial e o desdobramento logístico executado para deixá-lo a par de sua missão.

---

<sup>1</sup> EME, 1972

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A LOGÍSTICA NA ARTE DA GUERRA

A atividade de mobilização, abastecimento das tropas e processos de suprimento existe desde que o primeiro exército constituído necessitou marchar em direção ao inimigo. Seu estudo sistemático e organização, bem como o significado atual de logística são relativamente recentes. Uma publicação atual do Estado Maior do Exército (EME) brasileiro traz a falta de consenso sobre a aparição do termo:

Três possíveis significados do termo logística, embora surgidos em tempos e lugares distintos, complementam-se e dão sentido à definição contemporânea. O primeiro vem da GRECIA antiga, onde *'logistikos'* significava habilidade em calcular. Mais tarde, 'logística' era o termo em latim, empregado nos impérios romano e bizantino com o significado de administrador. Mais recentemente, a expressão francesa *'marchal des logis'*, estabelecida a partir do reinado de LUIS XIV, designava a autoridade responsável por prover as facilidades de alojamento, fardamento e alimentação nas tropas, nos acampamentos e marchas<sup>2</sup>.

Em se tratando de logística militar do exército na Guerra da Tríplice Aliança, é importante ressaltar que seu conceito e fundamentos não haviam atingido a maturidade neste período. O general Carl von Clausewitz (1780 – 1831), com seu livro *Da Guerra*, inspirou gerações sucessivas de administradores militares e civis<sup>3</sup>. Em sua obra, ele divide em cinco os elementos da estratégia, sendo o quinto o apoio e a manutenção<sup>4</sup>. Sobre a manutenção, discorre que consiste no “abastecimento, serviços médicos, manutenção do armamento e dos equipamentos”<sup>5</sup>.

Embora trate de maneira pormenorizada destas atividades, em nenhum momento Clausewitz emprega o termo “logística” especificamente<sup>6</sup>. A logística, entendida como ciência a parte, só passa a ser sistematizada a partir do século XX, sendo a obra “Logística Pura: a ciência e a preparação para a guerra” (1917) do Tenente-Coronel Cyrus G. Thorpe um divisor de águas nessa evolução<sup>5</sup>.

Já no século XXI, decorridos cento e cinquenta anos do início das hostilidades, a sistematização da atividade de logística militar alcance refinado amadurecimento conforme mostra o manual de Logística do Exército Brasileiro de 2014. Esta atividade insere-se dentro

---

<sup>2</sup> EME 2003, p. 1-2, apud Nascimento, p.4

<sup>3</sup> BRAZ, 2004, p. 27

<sup>4</sup> CLAUSEWITZ, 1832, p. 76

<sup>5</sup> Idem, p. 153

<sup>6</sup> BRAZ, 2004, p. 28

das Funções de Combate (Movimento e Manobra, Apoio de Fogo, Comando e Controle, Proteção e Logística), abrangendo não somente as ações militares em tempos de guerra, mas sim as atividades civis e militares em tempos de paz<sup>7</sup>.

A fim de amparar a análise do esforço de guerra do Exército Imperial brasileiro, utilizar-se-ão conceitos e fundamentos do ano de 2014, mesmo que inexistentes à época, retirados do manual de “Logística” do Exército Brasileiro. O conceito de Logística Militar (Logística) é definido como “o conjunto de atividades relativas à previsão e à provisão dos recursos e serviços necessários à execução das missões das Forças Armadas”<sup>8</sup>.

O primeiro fundamento, sobre as Áreas de Atuação da Logística:

Material, pessoal e saúde. Essas constituem os eixos de atuação que direcionam os planejamentos logísticos em todos os níveis de execução, assegurando que as forças operativas terrestres estejam fisicamente disponíveis e apropriadamente equipadas no momento e local oportunos<sup>9</sup>.

O segundo fundamento, sobre Ciclo Logístico:

O ciclo logístico é o processo permanente, contínuo e ordenado em fases inter-relacionadas que organiza a sistemática de apoio. Em consonância com as especificidades de cada uma das áreas funcionais, compreende três fases: determinação das necessidades, obtenção e distribuição<sup>10</sup>.

O estudo da logística do Exército Imperial Brasileiro na Guerra da Tríplice Aliança contra Solano López à luz dos atuais conceitos e fundamentos não caracterizará um anacronismo histórico. Como visto anteriormente, o desempenho atividade logística em si é muito mais antigo do que sua definição; o que não existia, à época do século XIX, era a sistematização atual (século XXI).

Abrangendo a primeira fase do Ciclo Logístico, ou seja, a determinação de necessidades, o autor analisou os planos de operações e determinações das juntas de guerra, que fixavam, por exemplo, os efetivos a serem mobilizados para a realização das manobras e conquista dos objetivos. Dentro das Áreas de Atuação, analisaram-se em cada uma os processos de obtenção e distribuição dos recursos. Por último, graças a riqueza das fontes, foi possível desmembrar a área material em quatro divisões: víveres, equipamento, armamento e munição e meios de mobilidade.

---

<sup>7</sup> EME, 2014, p.13

<sup>8</sup> EME, 2014, p. 15

<sup>9</sup> Idem, p. 17

<sup>10</sup> Idem, p. 18

## 2.2. SITUAÇÃO INICIAL DO EXÉRCITO E O PLANO BRASILEIRO E ALIADO

A Guerra da Tríplice Aliança contra Solano López (1864 – 1870) insere-se dentro do histórico e complexo contexto de disputas pelo estuário do Rio da Prata, iniciado no período colonial, fruto de uma mescla de fatores fisiográficos, econômicos, psicossociais, políticos e militares. Para Solano López, a guerra teve início com o ultimato (e posterior invasão) do Uruguai por forças brasileiras (agosto/1864). Para o Brasil (e em sequência, para a Tríplice Aliança), as hostilidades iniciam com o aprisionamento do vapor brasileiro Marquês de Olinda (novembro/1864)<sup>11</sup>.

O Exército Imperial, por ocasião do início das hostilidades, é descrito como uma força dilapidada por anos de política pacifista e liberal, sendo comum no parlamento o discurso contra novas despesas com as forças armadas<sup>12,13</sup>. O resultado desta política, acentuada após o fim da última grande guerra, contra Oribe e Rosas (1851-1852), colocara o Exército neste estado de precariedade:

Não possuía em armas efetivos bastantes e, habituados às guerras nas planícies do sul, suas forças eram inadequadas a uma luta armada da natureza e do vulto da que tinha de enfrentar. Faltava-lhe quase tudo, efetivos, armamentos, organização e até instrução militar em dia com os progressos da arte da guerra. (...) Fizeram-se aquisições de última hora no estrangeiro (...)<sup>14</sup>.

Somando-se todos os efetivos espalhados pelas extensas fronteiras do país, atingia o efetivo total do Exército o quantitativo de pouco mais de 18.000 (dezoito mil) homens<sup>15</sup>, quantidade muito aquém das forças invasores paraguaias em Corrientes e no Mato Grosso. Convém destacar que, além do panorama geral da Força, encontrava-se a maior parte do Exército desde 10 de agosto de 1864 envolvido na campanha militar contra Aguirre.

Esta campanha desgastou em muito o cerne das forças brasileiras do sul, que formaram o núcleo sobre o qual se construiu o 1º Corpo de Exército. As longas e penosas marchas na pobre campanha uruguaia somaram-se às baixas dos próprios combates. Este pequeno e desgastado núcleo é descrito pelo então alferes Dionísio Cerqueira, que veio a integrá-lo em fevereiro de 1865:

---

<sup>11</sup> EME, 1972, p. 572 e 584

<sup>12</sup> FRAGOSO, 2010, p. 48

<sup>13</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 73

<sup>14</sup> MAGALHÃES, 1998, p. 289

<sup>15</sup> EME, 1972, p. 582

Nosso pequeno e mal aparelhado exército deixava muito, senão tudo, a desejar, desde a instrução técnica e o preparo indispensável para a guerra até o comissariado de víveres e forragens, o serviço sanitário, o aprovisionamento de armas, fardamento, equipamento, meios de transporte, etc<sup>16</sup>.

A mobilização e o aparelhamento da força para fazer frente a Solano López esbarrava em outro grande problema estrutural e logístico: não havia uma reserva preparada e instruída, capaz de ser acionada, e teve o governo brasileiro de improvisar tudo de última hora, recorrendo a Guarda Nacional, às Polícias Militares e criando os Voluntários da Pátria<sup>17</sup>.

A Guarda Nacional foi criada em 1831, durante o conturbado período da Regência, oriunda das antigas ordenanças e milícias, com o intuito de defender as instituições e a Constituição<sup>18</sup>. A partir do Reinado de D. Pedro II, passou a auxiliar nas missões de defesa externa. Era organizada no âmbito dos municípios, participando homens de 18 (dezoito) a 50 (cinquenta) anos, conforme a renda familiar<sup>19</sup>. A constituição e a organização, quando ativadas as unidades, eram similares às tropas de linha.

Os Voluntários da Pátria, criados pelo Decreto Lei nº 3.371 de 7 de janeiro de 1865, constituía-se de todos os brasileiros natos de 18 (dezoito) a 50 (cinquenta) anos que voluntariamente se dispusessem a formar em armas e marchar contra o Paraguai. Estes civis, em maior parte com total desconhecimento das lidas da guerra, receberam vencimentos especiais, uniforme diferenciado, bem como treinamento. De início, houve uma pronta resposta de cerca de 10.000 voluntários<sup>20</sup>, sobretudo nas províncias do Rio Grande do Sul (cavalaria), Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Rio de Janeiro (infantes)<sup>21</sup>.

Em resumo, esta era a situação das forças brasileiras no início das hostilidades com Solano López: pequena, carente de recursos materiais (inclusive os básicos), sem uma reserva, com a maior parte do seu efetivo estacionado e desgastado em Montevideu, deslocado do centro logístico do Império (Rio de Janeiro). Raciocinando com esta situação e com o inimigo, passou o Governo a deliberar sobre o plano de operações e as necessidades para fazer frente ao Paraguai.

---

<sup>16</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 74

<sup>17</sup> FRAGOSO, 2014, p. 226

<sup>18</sup> DUARTE, 1981, p. 176

<sup>19</sup> idem, p. 177

<sup>20</sup> FRAGOSO, 2014, p. 220

<sup>21</sup> DUARTE, 1981, p. 203

Em janeiro de 1865 a pedido do Governo Imperial, o então Marquês de Caxias esboçou um plano de operações para capitular Solano López.<sup>22</sup> No que tange a logística de Pessoal, o efetivo necessário para as operações seria de 50.000 (cinquenta mil) homens, sendo 35.000 (trinta e cinco mil) de infantaria, 10.000 (dez mil) de cavalaria e 5.000 (cinco mil) de artilharia. 45.000 (quarenta e cinco mil) em primeiro escalão, 5.000 (cinco mil) em reserva no Brasil. Para mobilizar esta massa, seria acionada a Guarda Nacional e intensificada a campanha do voluntariado.

Na divisão de esforços da manobra, o esforço principal invadiria o Paraguai pelo Passo da Pátria, paralelo ao rio Paraná, com o objetivo final Assunção (capital do inimigo) e intermediário em *Humaitá* (fortaleza no rio do mesmo nome que bloqueava a navegação nele). O esforço secundário executar-se-ia pelo Mato Grosso, com 10.000 (dez mil) homens fixando o inimigo; e por uma força igual entreposta a São Borja e *Itapua*, para defender o flanco da invasão.

No que tange a logística de Material, o plano é genérico. O Rio Paraná seria o eixo de suprimento principal da força brasileira, com a incumbência da Marinha Imperial de transportar tudo que fosse necessário ao esforço. A única consideração mais detalhada é de que as tropas mobilizadas em todo o país seriam armadas, fardadas e equipadas na Corte, para posterior transporte ao *front*.

Em 1º de maio de 1865 a Argentina, o Brasil e o Uruguai firmaram o Tratado da Tríplice Aliança, ratificando a utilização do rio Paraná como eixo logístico e de progressão das forças aliadas. Observa-se a independência logística entre as forças dos três países e a repartição dos espólios de guerra<sup>23</sup>. Também a Argentina se comprometeu através do seu general Justo José Urquiza, líder das províncias de *Entrerrios* e *Corrientes*, a prestar apoio logístico e organizar bases de operação<sup>24</sup>.

### 2.3. A PREPARAÇÃO DO 1º CORPO

#### 2.3.1 Panorama geral

Como visto anteriormente, as forças brasileiras em Montevideú encontravam-se em situação muito aquém da desejada para fazer frente à ameaça paraguaia. Terminada a

---

<sup>22</sup> FRAGOSO, 2010, p. 286

<sup>23</sup> EME, 1972, p. 586

<sup>24</sup> FRAGOSO, 2010, p. 39-40.



guerra contra Aguirre em fevereiro de 1865, o efetivo encontrava-se debilitado pela marcha através do território uruguaio, que também reduzira a quantidade e a qualidade dos bois e cavallhada. Faltavam uniformes, capotes e barracas<sup>25</sup>.

A dificuldade inicial se agravou pelo fato da região de concentração das tropas (Montevidéu) estar completamente deseixada com o centro do país (Rio de Janeiro). Tal óbice, aliado com a necessidade de iniciar o quanto antes o deslocamento das tropas, leva Osório a tomar medidas rápidas e caracterizadas pela iniciativa pessoal<sup>26</sup>.

Quanto ao deslocamento, a partida de Montevidéu deu-se em maio de 1865<sup>27</sup>; a cavalaria prosseguiu por terra e o restante da tropa embarcada na Marinha até a altura de *Paisandú* – Uruguai<sup>28</sup>, chegando nesta localidade em junho. Na sequência, a junção com as tropas argentinas ocorre na cidade de *Concórdia*, já do lado direito do rio Uruguai, ao término do mesmo mês. Prosseguiu-se então até *Mercedes*, já no limite entre as províncias argentinas de *Entrerriós* e *Corrientes*, localidade alcançada em outubro<sup>29</sup>.

Atingindo a cidade de *Corrientes*, em fins de dezembro, Osório estabelece acampamento na região da *Laguna Brava*; é essa a região escolhida para a organização da base de operações para a transposição do rio Paraná<sup>30</sup>. Na marcha em direção a *Corrientes*, teve o Exército Imperial que percorrer uma distância de cerca de mil quilômetros, enfrentando os rigores do frio e das geadas na campanha gaúcha<sup>31</sup>, recebendo efetivos com os mais variados níveis de instrução e preparo, num difícil processo de organização em marcha.

O autor apreciará a seguir como se desenvolveram as atividades logísticas ao longo deste processo de marcha, estabelecimento em *Corrientes* e seus reflexos na transposição do Paraná e nos combates que logo se sucederam.

### 2.3.2 Subsistema de Pessoal

Dada a inexistência de uma reserva mobilizável, como visto no capítulo anterior, recorre o Governo Imperial à mobilização da Guarda Nacional, dos Corpos Policiais e dos Voluntários da Pátria. Entre janeiro e dezembro de 1865, expediram-se sucessivos decretos

---

<sup>25</sup> CERQUEIRA, 1974

<sup>26</sup> EME, 1972, p. 605

<sup>27</sup> CNBMO, 2008, p. 116

<sup>28</sup> EME, 1972, p. 607

<sup>29</sup> CNBMO, 2008

<sup>30</sup> FRAGOSO, 2010, p. 257

<sup>31</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 77

em todo o território nacional, totalizando a convocação de 9.000 (nove mil) Guardas Nacionais<sup>32</sup>.

A rapidez com que se efetivou a mobilização do 1º Corpo de Exército, a despeito dessa situação inicial de inexistência de reservas, é notória. Pode ser verificada através da análise da evolução dos efetivos ao longo de fevereiro de 1865 e abril de 1866, quando já se encontrava o Exército em território paraguaio.

Quadro 1: Evolução dos efetivos do 1º Corpo de Exército

| DATA   | LOCAL                      | EFETIVO |
|--------|----------------------------|---------|
| Fev/65 | Fortaleza do Cerro         | 8.068   |
| Mar/65 | Fortaleza do Cerro         | 10.255  |
| Mai/65 | Fortaleza do Cerro         | 13.181  |
| Mai/65 | Rio Grande do Sul          | 13.925  |
| Jul/65 | Concordia                  | 18.977  |
| Out/65 | Mercedes                   | 22.000  |
| Jan/66 | Lagoa Brava                | 32.256  |
| Jan/66 | São Borja                  | 15.660  |
| Abr/66 | 1º Corpo (Passo da Pátria) | 38.000  |

Fonte: FRAGOSO, 2010, p. 51.

Observa-se aqui, considerando o efetivo inicial e o final, um crescimento em torno de 29.900 (vinte e nove mil e novecentos) combatentes, quantitativo na ordem de 470% no prazo de 14 meses de mobilização. No que tange as baixas no período, considerando apenas as mortes ocorridas em combate, na transposição e na batalha de *Estero Bellaco*, somam-se 316 (trezentas e dezesseis) almas<sup>33,34</sup>. Além de brasileiros, também aderiram às armas estrangeiros de diversas nacionalidades, agrupados no Batalhão de Voluntários, criado por Osório a 10 de maio<sup>35</sup>.

O Exército que invadiu o Uruguai em 1864 possuía bons oficiais, adestrados na campanha contra Oribe e Rosas<sup>36</sup>, dos quais faziam parte o próprio Osório, o Tenente-Coronel Emilio Luis Mallet e o General Sampaio. Porém, para comandar o contingente crescente de tropas, foi preciso promover por comissão aos postos imediatamente superiores um grande

<sup>32</sup> DUARTE, 1981, p. 197

<sup>33</sup> FRAGOSO, 2010, p. 361

<sup>34</sup> idem, p. 378

<sup>35</sup> CNBMO, 2008, p. 115

<sup>36</sup> EME, 1972, p. 582

número de oficiais, como se observa nas Ordens de 7 e 19 de julho, 7 de agosto de 1865 e 14 de fevereiro de 1866<sup>37</sup>.

No que tange a atingir a determinação de necessidades esboçada no Plano de Caxias, que era de 30.000 (trinta mil) homens no esforço principal sobre o *Passo da Pátria*, verifica-se aqui a validação dos processos de obtenção e distribuição dos efetivos, que atingiram a marca do Quadro 1. É claro, neste julgamento não se considerou o nível de instrução da tropa, nem seu estado sanitário e preparação material, que serão abordados a seguir.

### 2.3.3 Subsistema de Material

O aumento quantitativo de pessoal no Exército demandou um volume cada vez maior de aquisições e remessas de material, desde os itens básicos como alimentação e fardamento, passando por meios de mobilidade, armamento e munição, bem como equipamento militar específico para a operação anfíbia de transposição do rio Paraná. O autor analisou a seguir em separado a logística dos itens mais importantes para a manutenção e melhoria do poder de combate deste exército em formação.

#### 2.3.3.1 Víveres

O processo de suprimento de víveres do Exército deu-se durante todo o período por contrato direto com fornecedores civis<sup>38</sup>, procedimento este mantido em território paraguaio, mediante elevação dos preços<sup>39</sup>. Como a região de *Entreríos* e *Corrientes* apresentava-se à época praticamente desabitada<sup>40</sup>, poucos recursos foram obtidos durante a marcha de Osório por esses territórios; o notável líder, porém, manda invernar todo o gado recolhido no trajeto (mil e oitocentos bois<sup>41</sup>) na região da cidade de *Salto*, na margem esquerda do rio Uruguai<sup>42</sup>.

Qualitativamente, a alimentação do 1º Corpo de Exército passou por duas ocasiões distintas: a primeira, durante a marcha de Montevideu a *Corrientes*, a segunda, já na proximidade desta cidade e em território paraguaio. Durante a marcha, ficou a alimentação restrita, basicamente, a carne, muito gorda e abatida no local de consumo, o tradicional

---

<sup>37</sup> CNBMO, 2008.

<sup>38</sup> *idem*, p. 125

<sup>39</sup> FRAGOSO, 2010, p. 314

<sup>40</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 77

<sup>41</sup> FRAGOSO, 2010, p. 258

<sup>42</sup> CNBMO, 2008, p. 377

churrasco gaúcho. Esta alimentação monótona, estranha aos efetivos oriundos do sudeste e norte do Brasil, causou problemas de disenteria nestes militares<sup>43</sup>.

Estando o Exército Imperial nas proximidades da cidade de *Corrientes*, à margem esquerda do Paraná, a situação do abastecimento de víveres melhora qualitativamente, haja vista as vias de acesso fluviais e a própria cidade, importante núcleo urbano. A etapa passa a contar com quantidade de farinha, arroz e bolachas<sup>44</sup>. A essa altura também foi possível estocar víveres para a invasão, de maneira que quando o 1º Corpo de Exército desembarcou em território paraguaio possuía uma reserva de víveres considerável para o caso de alguma necessidade<sup>45</sup>.

Desembarcando no Paraguai, encontra Osório um território extremamente pobre no que condiz aos recursos. Não havia povoações além da pequena vila de *Passo da Pátria*, o terreno alagadiço era hostil às culturas, o abastecimento era importado de *Corrientes* através do rio Paraná<sup>46</sup>. A transferência da base logística daquela para esta cidade, o ajuste com fornecedores e a normalização do fluxo de provisões só normalizou-se ao término da primeira semana de maio<sup>47</sup>.

Sobre a alimentação no território Paraguaio, escreveu Dionísio Cerqueira:

Vivemos sempre dos nossos próprios recursos. Aquele país ensanguentado só nos deu ar pra respirar, e muitas vezes empestado; água para beber, e não raro, poluída pelos cadáveres e pelo sangue derramado nas batalhas; e terra em abundância para a sepultura dos nossos 100 mil valentes patrícios que lá ficaram para sempre<sup>48</sup>.

Já nos primeiros tempos da ocupação do acampamento em *Tuiuti*, a má qualidade da água, fruto da superlotação do terreno e dos sepultamentos<sup>49</sup>, começa a dar o sinal de que se tornaria agravante da epidemia de cólera que viria a assolar futuramente o Exército. Passa a funcionar após o estabelecimento da base de operações no *Passo da Pátria*, um matadouro no Potreiro Pires, região do acampamento ocupada pelos brasileiros. A carneação, julgada de boa qualidade, era tarefa da cavalaria rio-grandense<sup>50</sup>.

<sup>43</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 77.

<sup>44</sup> idem, p. 132.

<sup>45</sup> FRAGOSO, 2010, p. 316.

<sup>46</sup> idem, p. 379.

<sup>47</sup> idem, p. 380.

<sup>48</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 176

<sup>49</sup> idem, p. 216

<sup>50</sup> FRAGOSO, 2010, p. 227

### 2.3.3.2 Equipamento Militar Geral

Conforme visto anteriormente, o plano de Caxias previa que as tropas fossem treinadas e equipadas antes do embarque para o teatro de operações. Na realidade, não só os que tinham feito a recente campanha no Uruguai, com os que vinham chegando estavam bastante desprovidos de fardamento e equipamento<sup>51</sup>.

No Rio de Janeiro o Governo Imperial mobiliza o Arsenal de Guerra da Corte e contrata fornecedores para produzir material militar geral, como barracas, capotes, mantas, fardamento, calçados, etc<sup>52</sup>. Haja vista não existirem estoques disponíveis para pronto emprego na distante Montevideu, o Visconde de Camamu - Ministro da Guerra - autoriza Osório a compra direta nas imediações<sup>48</sup>.

A falta de uniformidade no fardamento do Exército, sobretudo no ano de 1865, foi fruto desta medida emergencial, porém eficaz. O fardamento foi adaptado com vestes civis típicas dos povos do pampa, como o ponche-pala de baeta, os chapéus de feltro e o chiripá<sup>48</sup>.

Já estacionado do Exército em *Tuiuti*, após um ano do início da mobilização, a situação do fardamento e do equipamento evoluíra significativamente. Por exemplo, o equipamento de um infante do 12º Batalhão de Voluntários (infantaria) no *Passo da Pátria* contava com mochila, marmitta, cantil de madeira, bornal, cinturão com espoleteira, patrona, bogó de couro, capote e manta<sup>53</sup>. O fardamento dos Voluntários, nesta situação, já estava definido e distribuído, composto uma “blusa de pano azul, peito pregueado, gola fechada, botões lisos amarelos, usada com um jogo de duas calças, uma de brim branco e uma de pano azul”<sup>54</sup>.

Mas além do equipamento individual, necessitava Osório de toda a sorte de embarcações, pontilhões e engenhos específicos para empreender a difícil operação de transposição do rio Paraná. Neste *mister*, ao acampar nas proximidades do célebre arroio Riachuelo, manda adquirir na região do Rio da Prata todo o material necessário a construção de pequenas embarcações, e solicita a Tamandaré seu transporte para *Corrientes*<sup>55</sup>.

Em *Corrientes* constrói-se uma oficina, sob a direção do tenente-coronel Carlos de Carvalho, chefe da Comissão de Engenheiros. Com o material adquirido na região e em

---

<sup>51</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 75

<sup>52</sup> FRAGOSO, 2014, p. 222

<sup>53</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 190

<sup>54</sup> DUARTE, 1981, p. 229

<sup>55</sup> FRAGOSO, 2010, p. 221

Buenos Aires e Montevideu são fabricados batelões, chatas, canoas e todo o tipo de engenho e embarcações para a operação anfíbia. Ficaram prontos em 21 de março de 1866<sup>56</sup>.

### 2.3.3.3 Subárea Armamento e Munição

Em 1865, o Exército estava dotado com dois armamentos individuais do mesmo tipo, as carabinas antecarga raiadas de cápsula fulminante, tipo *Minié* (cal. 14,8 – quatorze vírgula oito - mm) e *Enfield* (cal 14,6 – quatorze vírgula 6 - mm), ambas com alças de mira graduadas. Esse confiável armamento permaneceu em uso do início ao fim das hostilidades em 1870<sup>57</sup>.

Para a infantaria, distribuía-se a espingarda com baioneta (fuzileiros) e a carabina com sabre-baioneta (caçadores); à cavalaria destinavam-se as clavinas, pistola e lança; as demais tropas estavam armadas com o modelo mosquetão com iatagã. Possuindo o mesmo sistema de funcionamento, estes armamentos diferenciavam-se pelas dimensões do cano e alcance<sup>54</sup>.

Fig 1: Espingarda Minié



Fonte: <https://armasonline.org/armas-on-line/as-armas-do-brasil-na-guerra-do-paraguai>

Observa-se aqui que a diferença de calibres 14,8 (quatorze vírgula oito) mm e 14,6 (quatorze vírgula seis) mm gerava grande inconveniente para o suprimento de munição, haja vista que o cartuchame (projétil com a pólvora, envolto em pano ou papel) do primeiro era incompatível com o do segundo. Esta situação só foi solucionada completamente em 1868, com o alargamento das almas dos *Enfield* para 14,8 (quatorze vírgula oito) mm, juntamente com a padronização do cartucho de 14,6 (quatorze vírgula seis) mm<sup>58</sup>.

<sup>56</sup> Idem, p. 314

<sup>57</sup> FRAGOSO, 2014, p. 287

<sup>58</sup> FRAGOSO, 2015, p. 288-289

Para a defesa própria dos oficiais, distribui-se o revólver *Lefauchaux*, de 12 (doze) mm. O referido armamento não gozava de muito prestígio quanto a sua confiabilidade<sup>59</sup>.

Fig. 2: Espingarda *Enfield*



Fonte: <https://armasonline.org/armas-on-line/as-armas-do-brasil-na-guerra-do-paraguai>

Para suprir o Exército de munição individual para as atividades em solo Paraguai, Osório ordena a criação de uma oficina para a fabricação de cartuchame na base de operações em *Corrientes*, chefiada pelo tenente Américo de Vasconcelos. Até 19 de janeiro de 1866, esta instalação produziu 310.000 (trezentos e dez mil) cartuchos de infantaria (espingardas e carabinas), 1.041.000 (um milhão e quarenta e uma mil) cápsulas fulminantes, 410.000 (quatrocentos e dez mil) cartuchos de clavina e 300.000 (trezentos mil) de pistola para a cavalaria<sup>60</sup>.

Fig. 3: Revólver *Lefauchaux*



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Lefauchaux\\_M1858](https://en.wikipedia.org/wiki/Lefauchaux_M1858)

Por ocasião do início das hostilidades, encontrava-se nossa artilharia equipada com os canhões de bronze raiados antecarga do sistema *La-Hitte*, de calibre 4 (quatro), 6 (seis) e 12 (doze) libras<sup>61</sup>. Embora o sistema fosse o mesmo, haviam canhões fundidos na

<sup>59</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 282

<sup>60</sup> FRAGOSO, 2010, p. 314

<sup>61</sup> FRAGOSO, 2014, p. 291

França, na Espanha, e no Arsenal de Guerra da Corte. Já em 1865, e durante todo o conflito, produziria o Arsenal e remeteria ao *front* canhões desse tipo<sup>62</sup>.

Quantitativamente, contava o 1º Corpo de Exército por ocasião da revista feita por Mitre, no acampamento em *Concórdia* (julho de 1865), com 32 (trinta e duas) bocas de fogo desse sistema<sup>63</sup>. Já em abril de 1866, às vésperas da invasão do Paraguai, o número acrescia-se em 16 (dezesesseis) bocas de fogo, num total de 48 (quarenta e oito) peças da artilharia terrestre<sup>64</sup>.

Fig. 5: Canhão *La Hitte*



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/La\\_Hitte\\_system](https://en.wikipedia.org/wiki/La_Hitte_system)

#### 2.3.3.4 Meios de mobilidade

Residem nesta área da logística os maiores entraves e equívocos do Exército Imperial na sua preparação para a invasão do Paraguai. Durante a 1ª Junta de Guerra Aliada, em 1º de maio de 1865, ficou acertado que a Argentina, através do general Justo Jose Urquiza, forneceria apoio logístico às tropas aliadas no seu trajeto por *Entrerriós* e *Corrientes*, entre o apoio, estariam 8.000 (oito mil) cavalos. Pois bem, com a sublevação de suas tropas, fruto das discórdias internas naquele país, não cumpriu o referido general com o acordo<sup>65</sup>.

Durante a marcha do Exército para *Corrientes*, não houve aquisição e distribuição de forragem; contava-se apenas com o pasto ao longo do trajeto, que era extremamente pobre.

<sup>62</sup> idem, 2014, p. 243

<sup>63</sup> FRAGOSO, 2010, p. 241

<sup>64</sup> Fragoso, 2010, p. 351

<sup>65</sup> FRAGOSO, 2010, p. 278



A única medida tomada por Osório, ao que se verifica, foi invernar 14.000 (quatorze mil) cavalos magros e em mal estado na cidade de *Salto*, ao longo do itinerário até *Corrientes*<sup>66,67</sup>.

Estar a cavalaria imperial apeada por ocasião da transposição do Rio Paraná é resultado dessa logística, que não contemplou aquisição de forragem<sup>62</sup>. Outro fator que agravava o estado geral da cavalaria é apontado como sendo a má qualidade do arreamento distribuído à tropa<sup>68</sup>.

Para organizar os transportes no escalão Corpo de Exército, durante a penosa marcha ao solo paraguaio, Osório também cria um esquadrão específico para esta tarefa<sup>69</sup>. Nos quatro meses (janeiro a abril) que o 1º Corpo de Exército permaneceu nos preparativos finais em *Corrientes*; também não se adquiriu nem distribuiu forragem à cavalaria<sup>70</sup>. No que tange ao esforço Aliado como um todo, em dezembro de 1865 o general Flores percorre aquela província em busca por gado e cavalaria<sup>71</sup>, mas os resultados serão inexpressivos.

Já em território Paraguai, onde os animais ficaram a mercê do terreno alagadiço e insalubre das cercanias do *Passo da Pátria*, a situação da cavalaria definha ainda mais<sup>72</sup>. A situação é tão crítica que, por ocasião da Batalha de *Tuiuti*, em 24 de maio de 1866, encontrava-se a nossa cavalaria reduzida a 4.600 (quatro mil e seiscentos) homens, montados deste efetivo apenas 600 (seiscentos) ou aproximadamente 13% (treze por cento) do total<sup>73</sup>; as peças de artilharia tinham de ser movimentadas a pé<sup>74</sup>.

Sem culpar Osório ou o Governo Imperial, o fato é que a logística de meios de mobilidade foi falha. Primeiro ponto foi não determinar a necessidade de forragem para os cavalos, contando-se apenas com o pasto da região. Segundo erro, confiar na obtenção de cavalos através do General Justo José Urquiza. Dionísio Cerqueira, analisando a atuação do Exército Imperial, é categórico ao afirmar que, não fosse a pobreza dos meios de mobilidade do Exército e dos Aliados como um todo, a guerra poderia ter terminado com o aproveitamento do êxito sobre as tropas de López após *Tuiuti*<sup>64</sup>.

### 2.3.3 Subsistema Saúde

<sup>66</sup> FRAGOSO, 2010, p. 258

<sup>67</sup> CNBMO, 2008, p. 377

<sup>68</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 105

<sup>69</sup> CNBMO, 2008, p. 224

<sup>70</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 132

<sup>71</sup> FRAGOSO, 2010, p. 251

<sup>72</sup> idem, p. 379

<sup>73</sup> idem, p. 393

<sup>74</sup> CERQUEIRA. 1974, p. 182

Durante a marcha do 1º Corpo, Osório teve se precaver contra um mortal e incansável adversário: O frio intenso e a geada, que fizeram muitas vítimas, sobretudo os recrutas que começavam a chegar, originários das regiões mais ao norte do país<sup>75</sup>. Antes de iniciar sua marcha, em maio de 1865, o comandante brasileiro reorganiza o Hospital Central do Exército, sediado em Montevidéu<sup>76</sup>. Neste hospital, esteve Dionísio Cerqueira, cujas memórias apontam não ser muito positiva a imagem deixada àquela ocasião:

Impressionou-me o mau cheiro nauseabundo que exalava aquele estabelecimento sanitário improvisado. Haviam-no colocado num saladeiro, onde se abatia grande número de reses e preparava-se o charque. Não sei porque, sempre tivemos pronunciada predileção pelos lugares insalubres para quartéis e hospitais. Haja vista o quartel tipo e o Hospital Central, ambos edificados em terrenos alagadiços<sup>77</sup>.

A próxima ação tomada por Osório, ao passar pela cidade do *Salto* em julho de 1865, foi reorganizar e transferir militares para o hospital criado nesta cidade por ocasião da campanha de 1864<sup>78</sup>. Na sequência, percebendo a necessidade de prover um apoio aproximado durante a marcha pelo interior da mesopotâmia argentina, é criado em julho o Hospital Ambulante<sup>79</sup>, e em setembro ele é dividido em seções para apoio direto as divisões do 1º Corpo de Exército<sup>80</sup>.

Mesmo com essas medidas, tornava-se difícil a organização de um sistema sanitário regular Com o exército em marcha. Pereciam muitos doentes embarcados amontoados em carretas das enfermarias ambulantes, cuja imagem lúgubre ficou marcada na memória do general Dionísio Cerqueira<sup>81</sup>.

Encerrando seu deslocamento, e ocupando a base de operações de *Corrientes*, Osório dá ordem para a criação do Hospital Militar de Corrientes, a 30 de dezembro de 1865<sup>82</sup>. Este hospital também foi visitado por Dionísio Cerqueira, que assinalou que também se organizara este hospital sobre um *Saladero*<sup>83</sup>; estava ali a maior parte dos doentes do 1º

---

<sup>75</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 77

<sup>76</sup> CNBMO, 2008, p. 110

<sup>77</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 69

<sup>78</sup> CNBMO, 2008, p. 155

<sup>79</sup> idem, p. 189

<sup>80</sup> idem, p. 363

<sup>81</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 111

<sup>82</sup> CNBMO, 2008, p. 485

<sup>83</sup> *Saladero*, ou charqueada, era o estabelecimento destinado ao abate de gado e confecção do charque;

Corpo antes da invasão. Um local “em que os micróbios daninhos deviam ter grandes domínios e exercer suas devastações”<sup>84</sup>.

O número de doentes em todas as instalações de saúde durante o período manteve-se estável. O mapa da força de Osório por ocasião do acampamento na cidade de *Concórdia*, em setembro de 1865 aponta a força total do Exército de 18.365 (dezoito mil trezentos e sessenta e cinco) homens; destes 2.295 (dois mil duzentos e noventa e cinco) baixados (12,5% - doze vírgula cinco por cento)<sup>85</sup>.

Em 1º de março de 1866, de um efetivo de 32.868 (trinta e dois mil oitocentos e sessenta e oito) homens, havia 4.380 (quatro mil trezentos e oitenta), equivalente a 13,3% (treze vírgula três por cento) de doentes e baixados<sup>86</sup>. Importante observar que, embora a situação qualitativa dos hospitais de *Corrientes* e Montevideú deixasse a desejar, quantitativamente o efetivo de baixados encontrava-se praticamente estabilizado desde o estacionamento em *Concórdia*.

#### 2.3.4 Resultados das Operações Militares

Por fim, após preparação e deslocamento do 1º Corpo de Exército, os Aliados empreendem a Transposição do Paraná a 16 de abril de 1866. A operação caracterizou-se pelo grande sucesso, preparação técnica, tática e material. Conforme Tasso Fragoso<sup>87</sup> “a vantagem estava do nosso lado, sobretudo pela nossa superioridade numérica e pelo auxílio que a esquadra nos prestava pelo flanco direito”. A operação levou 14 (quatorze) dias, de 16 a 30 de abril<sup>88</sup>, sendo que só no primeiro e segundo escalão, no primeiro dia, foram transportados 10.000 (dez mil) brasileiros. Oito dias foram suficientes para passar quase todo o Exército Imperial<sup>89</sup>.

A preparação logística efetuada por Osório pode ser dividida em dois momentos distintos: o primeiro, uma emergencial organização em Montevideú de fevereiro a maio de 1865, seguida da marcha até *Corrientes*, em dezembro; a segunda, pelo estabelecimento de uma base de operações nesta cidade, os preparativos finais para a invasão e a reorganização no Passo da Pátria.

---

<sup>84</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 159

<sup>85</sup> FRAGOSO, 2010, p. 245 e 246

<sup>86</sup> FRAGOSO, 2010, p. 369

<sup>87</sup> Idem, p. 359

<sup>88</sup> Idem, p. 369

<sup>89</sup> Idem, p. 359

No que tange ao subsistema logístico de pessoal, a falta de uma reserva mobilizável foi suficientemente suprida pela Guarda Nacional e pelos Voluntários da Pátria. De maneira rápida, cresceu-se o Exército Imperial em cerca de 29.000 (vinte e nove mil) combatentes (470% - quatrocentos e setenta por cento) no interstício de 14 (quatorze) meses de preparação. Ultrapassaram-se inclusive os 30.000 (trinta mil) homens preconizados pelo plano de Caxias.

O fornecimento de víveres, inserido no subsistema de material, durante todo o período considerado obteve-se através contrato direto com civis, mesmo em território inimigo. Quantitativamente, não faltou alimentação a tropa; qualitativamente, a dieta tornou-se mais variada com a instalação da base de operações em *Corrientes*. Por ocasião da transposição do Paraná foi possível preparar um estoque para o caso de necessidades. Em território Paraguai eram escassos os recursos e teve Osório de importar alimento da Argentina.

No sistema de material geral, embora as instalações logísticas da Corte houvessem sido acionadas, foi preciso equipar e fardar às pressas os efetivos que chegavam ao 1º Corpo de Exército. Teve Osório de obter este material no mercado civil de Montevideu, o que gerou uma falta de padrão dos uniformes e equipamentos. Já reorganizado o Exército em *Corrientes*, e normalizado o fluxo de suprimentos pela Armada, pode a tropa se servir dos itens produzidos no Brasil.

Quanto ao equipamento específico para a transposição do Paraná, construído na oficina da Comissão de Engenheiros, foi de extrema valia e acerto. O trabalho técnico daqueles militares possibilitou ao 1º Corpo os meios necessários para efetuar a transposição de 10.000 (dez mil) homens somente no primeiro dia de operações.

A respeito do armamento individual, verificou-se a duplicidade de calibres entre os dois fuzis padrão, o *Enfield* e o *Minié*, o que ocasionou dificuldades logísticas, que só foram superadas posteriormente. Quanto ao armamento coletivo da artilharia, durante 14 (quatorze) meses de preparação passou-se de 32 (trinta e duas) para 48 (quarenta e oito) bocas, um aumento de 50% (cinquenta por cento) no poder de fogo do 1º Corpo de Exército. O suprimento de munições foi provido a contento, com a construção de uma fábrica de cartuchame na base de operações de *Corrientes*.

Nos meios de mobilidade deu-se a grande mazela do 1º Corpo de Exército. Com o auxílio de Urquiza e seus 8.000 (oito mil cavalos) cavalos cancelado devido à sublevação de

suas tropas, não conseguiu Osório adquirir a cavallhada necessária para as operações em solo paraguaio. Percorrendo o Exército um território praticamente desabitado, de escassas pastagens, seja no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, negligenciou-se de maneira grave a provisão de forragem (alfafa e milho).

Somado isso a dificuldade de obtenção dos meios, a cavalaria brasileira inteira não somava mais do que 600 (seiscentos) lbem montados por ocasião dos combates em Tuiuti, uma parcela que significa 13% (treze por cento) do total. A situação não se resumia a cavalaria em si, também a artilharia encontrava-se desmontada.

Quanto à saúde, criou ou reorganizou Osório hospitais em Montevideú, Salto e Corrientes, bem como o Hospital Ambulante, a prestar seus serviços quando da marcha para o *Passo da Pátria*. Se estas instalações não primavam pelas condições de higiene, faz-se *mister* dizer que o estado sanitário da tropa manteve-se estável, no período de tempo entre setembro de 1865 e março de 1866, a despeito das difíceis condições de marcha do Exército.

#### 2.4. PREPARAÇÃO DO 2º CORPO DE EXÉRCITO

O comando das forças brasileiras que operavam na província do Rio Grande do Sul cabia ao general Manoel Marques de Souza - Conde de Porto Alegre - desde que assumira as operações no sítio a Uruguaiana. Terminada esta operação, em setembro de 1865, passou o general Porto Alegre a preparar seu efetivo para desempenhar a função que lhe cabia conforme o Plano de Caxias anteriormente apresentado<sup>90</sup>. Deveria esta fração estacionar em São Borja, em reserva, atingir a marca de 10.000 (dez mil) combatentes e proteger o flanco da invasão.

O processo de mobilização foi similar ao do 1º Corpo de Exército, através da Guarda Nacional e dos Voluntários da Pátria. Nessa sistemática, os 6.500 (seis mil e quinhentos) combatentes mobilizados às pressas para a defesa do Rio Grande do Sul (fevereiro de 1865) reforçaram-se até atingir o efetivo de 14.500 (quatorze mil e quinhentas) almas por ocasião da invasão do Passo da Pátria em abril de 1866<sup>91</sup>.

A esta altura o já denominado 2º Corpo de Exército havia atingido um acréscimo de efetivo na ordem 8.000 (oito mil) militares, ou 223% (duzentos e vinte e três por cento)<sup>92</sup>,

---

<sup>90</sup> FRAGOSO, 2011, p. 49

<sup>91</sup> FRAGOSO, 2010, p. 51

<sup>92</sup> FRAGOSO, 2010, p. 51

superando inclusive o que fora fixado no Plano de Caxias. A promoção de oficiais e praças em comissão ao posto imediatamente superior ocorreu de maneira análoga ao 1º Corpo de Exército, observando a diretriz do Ministério da Guerra<sup>93</sup>.

O fornecimento de víveres ocorreu na sistemática do contrato direto com fornecedores. Após executar a transposição do rio Uruguai, devido a escassez de fornecedores na Argentina, recorre Porto Alegre aos utilizados por Osório e seu 1º Corpo de Exército<sup>85</sup>.

O fornecimento de equipamento militar ao 2º Corpo deu-se de maneira mais organizada, possivelmente devido ao já adiantado da guerra por ocasião dos preparativos de setembro. Já havia um estoque de fardamento na cidade do *Salto*, Itaqui e Uruguaiana, o qual foi autorizado o uso, bem como a compra direta de fornecedores se assim fosse necessário<sup>85</sup>.

Em janeiro de 1866, quando Porto Alegre recebe a ordem de transpor o rio Uruguai e marchar em direção ao rio Paraná, queixa-se ao Ministro da Guerra a respeito da demora da remessa de material militar geral, e informa que estava a confeccionar os meios para executar a transposição<sup>94</sup>.

O armamento individual do 2º Corpo era também a confiável *Minié*<sup>95</sup>, já a artilharia, em janeiro de 1866, dotava-se de 6 (seis) canhões *La Hitte* calibre 4 (quatro), 6 (seis) canhões obuses calibre 14 (quatorze) - não identificado o tipo - e 8 (oito) canhões *Paixhans* (não identificado o calibre), totalizando 20 (vinte) peças<sup>96</sup>. Importante observar que, devido à rapidez com que esta tropa teve de ser organizada em Uruguaiana e remetida ao Passo da Pátria, recebeu Porto Alegre a orientação de transportar consigo só a munição necessária à segurança no deslocamento<sup>97</sup>.

A logística dos meios de mobilidade também sofreu das mesmas chagas das tropas de Osório. Recebendo Porto Alegre a liberdade para adquirir carretas, mulas, cavalos e bois<sup>98</sup>, o comandante apresenta em janeiro de 1866 um efetivo de 8.000 (oito mil) cavaleiros<sup>88</sup>. É fato que o mesmo general, por esta ocasião, informa perecer a cavallhada em mau estado, fruto das más pastagens<sup>90</sup>. Em nenhum momento faz-se menção ao uso de

---

<sup>93</sup> FRAGOSO, 2011, p. 53

<sup>94</sup> FRAGOSO, 2011, p. 58

<sup>95</sup> *Idem*, p. 50

<sup>96</sup> *Idem*, p. 56

<sup>97</sup> *Idem*, p. 52

<sup>98</sup> *Idem*, p. 58

fornagem de alfafa e milho, e fato é que, após a marcha em direção ao *Passo da Pátria* a situação agrava-se, pouco apoio em mobilidade pode ser prestado ao Exército pelo 2º Corpo<sup>99</sup>.

O apoio de saúde nesse período de mobilização e marcha até o *Passo da Pátria* foi executado por enfermarias ambulantes, contratando-se médicos civis<sup>89</sup>.

## 2.5. JUNÇÃO DO 1º E 2º CORPOS E ESTAGNAÇÃO DA FRENTE

Em 24 de maio de 1866 deu-se a Batalha de *Tuiuti*; falhou a manobra de envolvimento de López às forças Aliadas, das quais fazia parte o 1º Corpo de Exército, redundando em uma grande vitória para Tríplice Aliança. O mau estado da cavalaria aliada e de Osório, já denunciada no capítulo 2.4 (dois ponto quatro) deste trabalho, é apontado como o principal motivo de terem os paraguaios retornado de maneira organizada às suas trincheiras, mesmo a despeito da vitória aliada<sup>100</sup>.

Após a refrega, ocorreu a junta de guerra entre as três nações aliadas em 30 de maio. Nesta ocasião Osório faz menção à situação do Exército Imperial, sobretudo a do 1º Corpo de Exército: o número de baixas superava a chegada dos reforços, a cavalaria estava a pé e os animais de tração da artilharia, em mau estado<sup>101</sup>.

A situação era análoga nas forças argentinas e uruguaias, e a junta de guerra chega à conclusão de que, embora os três exércitos fossem superiores em todos os outros itens, o eram inferior em relação ao inimigo no que condizia a mobilidade<sup>102</sup>. Definiu-se que no momento era impossível empreender ações em profundidade, restava apenas a luta em posição<sup>103</sup>.

Para as próximas operações, resolve a junta o seguinte: era preciso proteger a base que se instalava no *Passo da Pátria*, recuperar os meios de mobilidade e trazer o 2º Corpo do Exército Imperial para a margem direita do Paraná<sup>104</sup>. Nessa operação, comandaria o 1º Corpo de Exército o general Polidoro, haja vista Osório ter se recolhido ao lar para tratamento de saúde em julho de 1866.

---

<sup>99</sup> Idem, p. 161

<sup>100</sup> EME, 1972, p. 633

<sup>101</sup> FRAGOSO, 2010, p. 420

<sup>102</sup> Idem, p. 421

<sup>103</sup> Idem, p. 422

<sup>104</sup> Idem, p. 426

A esperança de devolver a mobilidade ao Exército Imperial não se concretiza, haja vista que, como visto no capítulo anterior, a logística dos meios de mobilidade do 2º Corpo de Exército ter sofrido dos mesmos erros cometidos pelo 1º Corpo de Exército. Na impossibilidade, então, de realizar operações em profundidade delibera o comando aliado executar uma operação parcial contra as baterias de *Curuzu* e *Curupaiti*, às margens do rio Paraguai, no flanco direito do inimigo<sup>105</sup>. A 2 de setembro executou-se com sucesso o desembarque do 2º Corpo de Exército, com sua cavalaria apeada<sup>106</sup>, caindo a bateria de *Curuzú* em posse aliada.

Reforçadas as tropas em *Curuzú*, e decorridos vinte dias da sua tomada, empreende-se o assalto a *Curupaiti*. Desta vez, porém, não coube o Exército Imperial o sucesso anteriormente empreendido: “o ataque a *Curupaiti* malogrou-se porque sua preparação foi insuficiente. Abordou-se uma posição defensiva extraordinariamente forte antes que estivesse madura para o assalto<sup>107</sup>”. O malogro desta operação, que custou, somente ao Exército Imperial, o número de 571 (quinhentas e setenta e uma)<sup>108,109</sup> mortes.

Destarte o insucesso aliado, e todas as suas mazelas decorrentes, uma operação secundária, executada com a participação dos poucos 2.500 (dois mil e quinhentos) homens montados aos quais se resumia a cavalaria brasileira, viria a apontar o caminho das futuras operações. Executando um reconhecimento pela direita das posições paraguaias, o comandante das forças uruguaias, general Venâncio Flores, descobrira que por esse caminho era possível acessar em profundidade este flanco inimigo, sem obstáculos à cavalaria<sup>110</sup>.

O Governo Imperial entende que era necessária uma nova liderança frente aos 1º e 2º Corpos de Exército e a Esquadra. Após o revés de *Curupaiti*, a 10 de outubro, assume o comando em chefe do efetivo brasileiro o Marquês de Caixas<sup>111</sup>. Caberia a este competente e prestigiado líder do Exército Brasileiro reorganizar a força e concentrar todos os esforços com o objetivo da vitória final.

---

<sup>105</sup> FRAGOSO, 2011, p. 83

<sup>106</sup> FRAGOSO, 2011, p. 88

<sup>107</sup> idem, p. 143

<sup>108</sup> idem, p. 93

<sup>109</sup> idem, p. 136

<sup>110</sup> idem, p. 139

<sup>111</sup> EME, 1972, p. 638



## 2.6. OPERAÇÕES PARA A TOMADA DE HUMAITÁ

### 2.6.1 Panorama geral

Em outubro de 1867, encontrava-se o Exército Imperial estacionado defronte as posições inimigas, o 1º Corpo em *Tuiuti*, o 2º em *Curuzú*. Os dois corpos possuíam estruturas organizais e logísticas bem diferentes um do outro<sup>112</sup>. Recebendo liberdade de ação para reajustar os fornecimentos para o Exército<sup>113</sup>, tratou logo Caxias de reorganizar toda a estrutura necessária para prosseguir nas operações.

Em breve, tudo se melhorava; arsenais, depósitos, hospitais, tudo surgira ao redor do acampamento Aliado e *Passo da Pátria*. A estagnação em *Tuiuti*, durante a reorganização de Caxias, levou a formação de uma verdadeira cidade na região, com igrejas, salões de baile, bilhar e comércio sortido<sup>114</sup>. Juntamente com a nomeação de Caxias, ordenou o Governo Imperial a criação do 3º Corpo de Exército, no Rio Grande do Sul, nomeando Osório, que a despeito do seu estado de saúde, de maneira enérgica e vivaz debruçou-se em organizar essa fração<sup>115</sup>.

Em julho de 1867, após toda a reorganização logística de Caxias, que será vista a seguir, estava o Exército Imperial em condições de reiniciar seu movimento<sup>116</sup>. O 2º Corpo de Exército (Porto Alegre) permaneceria guardando *Tuiuti*, o 1º (Argolo) e 3º (Osório) marchariam em direção *Tuyu-Cué*, de maneira a flanquear as fortificações no limite esquerdo do inimigo<sup>117</sup>, pelo caminho observado por Venâncio Flores em seu reconhecimento.

Atingindo a localidade de *Tuyu-Cué* ainda em julho, por meio de um veloz desbordamento das posições inimigas, é estabelecida aí uma base logística, que funcionou por 11 (onze) meses até a tomada de *Humaitá*<sup>118</sup>. Caxias deu ordem para a construção de uma estrada sobre este terreno alagadiço, ligando-o a *Tuiuti*, por onde seguiu intenso fluxo logístico, reses e carretas, constantemente inquietadas pelos Paraguaiois<sup>119</sup>.

Quando já instalada a base de *Tuyu-Cué*, passou Caxias a empreender o cerco definitivo a fortaleza de Humaitá. Nesse intuito, a fim de cortar a possível retirada das tropas

---

<sup>112</sup> FRAGOSO, 2011, p. 189

<sup>113</sup> idem, p. 177

<sup>114</sup> EME, 1972, p. 641

<sup>115</sup> FRAGOSO, 2011, p. 188

<sup>116</sup> EME, 1972, 642

<sup>117</sup> FRAGOSO, 2011, . 219

<sup>118</sup> idem, p. 303

<sup>119</sup> idem, p. 304

de López da margem direita do rio Paraguai (*Chaco*), Caxias translada em maio de 1868 2.500 (dois mil e quinhentos) homens para esta posição, posteriormente reforçados para 3.500 (três mil e quinhentos)<sup>120</sup>.

Para suprir este efetivo, a Esquadra passa a transladar todo o material necessário para a outra margem do rio Paraguai, bem como é construída uma pequena ferrovia entre o local de desembarque e a posição das tropas<sup>121</sup>. Fez parte deste contingente, fornecendo informações valiosas, o Alferes Dionísio Cerqueira.

### 2.6.2 Sistema de Pessoal

No período de mobilização do 1º Corpo houve uma boa adesão da população aos Voluntários da Pátria, bem como dos Guardas Nacionais, que possibilitou ao Exército atingir os efetivos fixados no Plano de Caxias. Por fim de 1866, quando foi preciso mobilizar o 3º Corpo de Exército, a situação era diferente.

No Rio Grande do Sul a imprensa local era contrária ao levantamento de novas tropas; havia a ideia de que o sul já houvera sido demasiadamente exigido. Guardas Nacionais não se apresentavam, era crescente número de deserções; faltava de apoio das autoridades civis. Para solucionar o problema, nomeou-se o Barão Homem de Melo para presidente da província (janeiro de 1867), que ordenou a apresentação da Guarda Nacional<sup>122</sup>.

Atuando em conjunto com o Barão Homem de Melo, Osório utiliza da sua simpatia, reputação e prestígio ante seus conterrâneos rio-grandenses, qualidades bem reconhecidas por Caxias<sup>123</sup>. Dessa maneira em 15 de maio de 1867, às margens do rio Paraná, o 3º Corpo de Exército numerava cerca de 5.300 (cinco mil e trezentos) combatentes<sup>124</sup>.

Também foi preciso restabelecer os baixados dos 1º e 2º Corpos de Exército, que somente contando os mortos nos combates em *Tuiuti*, *Curuzu* e *Curupaiti*, atingiram a ordem de 2.700 (dois mil e setecentos)<sup>125</sup> homens. Paralelo a isso, como se verá no sistema Saúde, o *colera morbus* também ceifará um número considerável de vítimas entre março e maio de

---

<sup>120</sup> FRAGOSO, 2011, p. 442

<sup>121</sup> Idem, p. 443

<sup>122</sup> Idem, p. 210

<sup>123</sup> Idem, p. 209

<sup>124</sup> Idem, p. 215

<sup>125</sup> Idem, p. 139

1867. Para recompletar os efetivos chegaram, entre maio de 1866 e 1867, cerca de 14.000 (quatorze mil) homens oriundos da Corte<sup>126</sup>.

Dado desta maneira, com os recompletamentos e a criação do 3º Corpo de Exército, numerou-se o efetivo do Exército Imperial, quando do reinício das operações em julho de 1867, em cerca de 50.000 (cinquenta mil) combatentes<sup>127</sup>. A despeito do arrefecimento do ardor do voluntariado, novamente fora possível ultrapassar os efetivos fixados no início de 1865.

### 2.6.3 Sistema de Material

Contando com o apoio dos arsenais e de outras instalações da Corte e de Porto Alegre, bem como da Esquadra, Caxias reorganiza a sua logística de material dentro das necessidades para as próximas operações. O autor apresentará agora, através dos principais itens fornecidos, as ações empreendidas nesse sistema, desde o levantamento das necessidades, passando para a reorganização do 1º e 2º Corpos, bem como do fornecimento de material para o recém criado 3º.

#### 2.6.3.1 Víveres

Neste período, além dos seus contratos com os fornecedores habituais, pode o Exército contar com um reforço na sua alimentação. À medida que avançava a marcha de flanco e explorava-se o terreno a partir de *Tuyu Cué* em direção a *Humaitá*, a cavalaria brasileira aprisionava quantias cada vez maiores de gado paraguaio. Por exemplo, em novembro de 1867, na região do *Tay*, norte de *Humaitá*, obteve-se 2.800 (dois mil e oitocentas) reses<sup>128</sup>. Dionísio Cerqueira relembra sua estadia *no Chaco*, assinalando que abundavam peixes e aves, de forma que a alimentação das tropas lá estacionadas era mais sortida que nos acampamentos ao redor de *Tuyu Cué*<sup>129</sup>.

#### 2.6.3.2 Equipamento Militar Geral

Ao Arsenal de Guerra de Porto Alegre coube a tarefa de fardar e equipar o recém-criado 3º Corpo de Exército, que de maneira eficiente e pontual se prestou a esse serviço<sup>130</sup>. Neste quesito, também se destaca o tino de Caxias na aquisição novos materiais militares,

<sup>126</sup> FRAGOSO, 2011, p. 117

<sup>127</sup> Idem, p. 239

<sup>128</sup> Idem, p. 363

<sup>129</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 275

<sup>130</sup> Idem, p. 211

como os balões aerostáticos para observação, utilizados pela primeira vez em junho de 1867. Além de levantar dados importantes sobre as fortificações inimigas ao redor de *Humaitá* e *Curupaiti*, através deles veio a confirmação de que o terreno a Leste (direita aliada) era mais seco e propício às ações de cavalaria<sup>131</sup>.

Uma informação interessante sobre a resiliência e a qualidade do equipamento do soldado brasileiro é passada por Dionísio Cerqueira. Ele recorda que no *Chaco*, sob as rigorosas condições dos lamaçais, as botinas e sapatos fornecidos não resistiam, e era comum aos soldados andarem descalços. Este fato não constituiu grande problema, haja vista já estar acostumado o brasileiro a esta situação em sua vida cotidiana<sup>132</sup>.

### 2.6.3.3 Armamento e Munição

Como citado anteriormente, havia o problema da duplicidade de calibres no armamento individual do Exército. Para solucionar isto, a Fábrica de Armas da Conceição (Rio de Janeiro) alarga a alma das armas *Enfield*<sup>133</sup>. Em 1867 encerra-se a produção do cartucho 14,8 (quatorze virgula oito) mm, conforme o Relatório do Ministério da Guerra<sup>134</sup>, o que leva a crer que, por ocasião das ações de Caxias para a tomada de *Humaitá*, este problema de munição há houvera sido solucionado.

Ocorre também, a primeira utilização dos fuzis prussianos de retrocarga com uso de agulha - modelo *Dreyse* - pelo 15º Batalhão de Infantaria. O resultado não foi satisfatório, o armamento apresentou muitas falhas, e verificou-se que os militares daquela unidade preferiram, no meio do combate, se desfazer do seu armamento para apanhar a confiável *Minié* dos companheiros mortos<sup>135</sup>.

Observa-se agora a situação do armamento da artilharia: Quantitativamente, em julho de 1867, quando reiniciada a ofensiva do Exército Imperial, dispunha Caxias de 114 (cento e quatorze) canhões, entre os diversos calibres<sup>136</sup>. Em dezembro de 1867 este número já se elevara em 25 (vinte e cinco) peças atingindo o montante de 139 (cento e trinta e nove)

---

<sup>131</sup> Idem, p. 205

<sup>132</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 272

<sup>133</sup> FRAGOSO, 2014, p. 288

<sup>134</sup> idem, p. 246

<sup>135</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 285 e 290

<sup>136</sup> FRAGOSO, 2011, p. 240

bocas de fogo<sup>137</sup>, um acréscimo de 22% (vinte e dois por cento) no poder de fogo, demonstrando o esforço que se desprendia no Arsenal de Guerra da Corte.

Em outubro de 1866, antes mesmo do início do comando de Caxias, é elaborado pelo general Andréia, comandante da artilharia, um detalhado relatório onde se apresentam problemas significantes no que tange a logística de armamento e munição. Denuncia o general que os canhões fundidos no Arsenal de Guerra da Corte, fruto da má qualidade dos materiais e da munição utilizada, encontravam-se em péssimo estado<sup>138</sup>. Sobre a munição, o ferro utilizado na fundição era de baixa qualidade, e as granadas apresentavam-se disformes entre si, muitas explodindo dentro do próprio canhão<sup>139</sup>.

Sobre as espoletas, verificou-se a má qualidade das fabricadas pelo Laboratório Pirotécnico do Campinho. Paralelo a isso, o descuido no transporte por via fluvial fazia com que mesmo as importadas chegassem molhadas e deterioradas. Para mitigar o problema, o general Andréia informa utilizar a fábrica de cartuchame de Corrientes para recondicionar as munições. Nesse ínterim, somente a pólvora, produzida pela Fábrica de Pólvora da Estrela, foi digna de boa menção<sup>140</sup>.

O número de granadas brasileiras que não detonavam ao atingir o alvo era considerável. O engenheiro britânico a serviço de Solano López, Goerge Thompson, afirma que foi rentável aos paraguaios fundir canhões do calibre dos Imperiais para reutilizar a munição que aterrissava inerte em suas posições<sup>141</sup>.

Nessa fase da guerra, assim como o abastecimento de víveres era reforçado com o apresamento de gado paraguaio, também puderam as tropas brasileiras dispor de armamento e munição capturados. Na queda de *Humaitá*, por exemplo, foram divididos entre as três nações da Aliança a quantia de 200 (duzentos) canhões paraguaios, bem como grande estoque de pólvora e munição<sup>142</sup>.

#### 2.6.3.4 Meios de mobilidade

Quando Caxias assume o comando das forças brasileiras, encontrou na logística de obtenção e distribuição de meios de mobilidade uma grave situação. A cavalaria do 1º

---

<sup>137</sup> idem, p. 492

<sup>138</sup> FRAGOSO, 2014, p. 296

<sup>139</sup> FRAGOSO, 2014, p. 297

<sup>140</sup> Idem, p. 298

<sup>141</sup> FRAGOSO, 2011, p. 206

<sup>142</sup> idem, p. 472

Corpo de Exército encontrava-se completamente apeada, a do 2º, possuía 3.000 (três mil cavalos) cavalos em condições de saúde modestas. Havia escassez geral de bois e carretas<sup>143</sup>. A situação já houvera sido denunciada pelo do General Polidoro, comandante do 1º Corpo de Exército ao Ministro da Guerra em setembro de 1869: os meios de mobilidade eram incompatíveis com grandes marcas,urgia a necessidade de adquirir-se milho e alfafa<sup>144</sup>.

Caxias inclui a forragem em seu sistema logístico, adquirindo sistematicamente alfafa e milho, bem como novos cavalos. Em pouco tempo a mortandade dos mesmos estancou, e a cavalaria recuperou sua mobilidade<sup>145</sup>. Osório, organizando o 3º Corpo de Exército, reuniu até maio de 1867 cerca de 4.000 (quatro mil) cavalos, e deixou 5.000 (cinco mil) internados nas proximidades do rio Uruguai<sup>146</sup>. Ao contrário do ocorrido na marcha do 1º Corpo, os cavalos foram conduzidos a cabresto, sem o cavaleiro, de maneira que chegaram ao Paraguai em condições sanitárias satisfatórias<sup>147</sup>.

Dessa maneira, devolveu Caxias rapidamente a mobilidade do Exército Imperial. Em julho de 1867, Andrade Neves, na frente da vanguarda do 3º Corpo de Exército, progrediu 45 (quarenta e cinco) km alcançando *Tuyu-Cué*<sup>148</sup> e informando em sua correspondência pessoal ao Barão Homem de Melo que “nossas cavalarias estão muito bem montadas, cavalos gordos e lindos<sup>149</sup>”. Este valoroso general logra, em novembro do mesmo, atingir a retaguarda de *Humaitá* e cortar suas comunicações telegráficas com Assunção<sup>150</sup>.

Embora bastante exigida em reconhecimentos e marchas, a cavalaria passa por um processo de melhoria contínua em seus meios. Caxias compreendia que a cavalaria era de importância máxima, e quando se aproximou para fechar o cerco e aniquilar *Humaitá*, deixou esta ação aos infantes e artilheiros, preservando os meios de mobilidade do seu exército para as operações futuras<sup>151</sup>.

---

<sup>143</sup> FRAGOSO, 2011, p. 189

<sup>144</sup> FRAGOSO, 2011, p. 203

<sup>145</sup> idem

<sup>146</sup> idem, p. 214

<sup>147</sup> idem, p. 209

<sup>148</sup> idem, p. 243

<sup>149</sup> PARANHOS, 1943, p. 74

<sup>150</sup> EME, 1972, p. 643

<sup>151</sup> Idem, p. 644

#### 2.6.4 Sistema de Saúde

Encontrando um efetivo de doentes e baixados correspondente a um terço da força total do Exército, Caxias tratou logo de melhorar a logística de saúde. A primeira ação tomada foi transferir para Montevideu os dois hospitais existentes em Buenos Aires, restando, dessa forma nove hospitais militares: Montevideu, *Salto*, três em *Corrientes*, três nos arredores do *Passo da Pátria* e um em *Tuiuti*<sup>152</sup>.

Entre março e maio de 1867 irrompe entre as fileiras aliadas o surto do vírus da cólera, o maior dos problemas enfrentados nesta área pelo comando aliado. Esta doença fatal encontra nas cacimbas de água dos acampamentos de *Tuiuti* e *Curuzu*, contaminadas pela aglomeração de cadáveres, as condições ideais de propagação<sup>153</sup>. Caxias logo tratou de tomar medidas contra esta doença.

Os doentes passam a ser isolados em galpões, construídos nas regiões mais altas e secas dos acampamentos, onde se presumia serem as condições sanitárias mais favoráveis, e evitava-se desta forma o penoso transporte para os hospitais de retaguarda. Distribuiu-se conforme prescrevia a medicina da época, café e aguardente<sup>154</sup>, bem como sulfato de quinina, trazido do Rio de Janeiro<sup>155</sup>. A epidemia ceifou aproximadamente de 2.000 (duas mil) almas no Exército Imperial<sup>156</sup>.

A despeito deste terrível quadro, as medidas sanitárias empregadas surtiram efeito, de maneira que no início da ofensiva sobre *Humaitá*, em julho, já havia diminuído de um terço para um quinto o número de doentes e baixados nos diversos hospitais<sup>157</sup>.

#### 2.6.5 Resultados das Operações Militares

Após nada menos do que 18 meses de preparação e operações, a temida fortaleza de *Humaitá* cai em posse aliada, a 25 de julho de 1868. Para iniciar esta ação, Caxias empreendeu uma profunda reestruturação logística no Exército Imperial: mobilizou, através de Osório, o 3º Corpo de Exército, reorganizou a estrutura do acampamento de *Tuiuti*, seus depósitos e instalações.

---

<sup>152</sup> FRAGOSO, 2011, p. 188

<sup>153</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 240

<sup>154</sup> FRAGOSO, 2011, p. 196

<sup>155</sup> CERQUEIRA, 1974, p. 274

<sup>156</sup> FRAGOSO, 2011, p. 235

<sup>157</sup> Idem, p. 239

Na área de logística de pessoal, o Exército Imperial esbarrou na crescente opinião pública negativa em relação ao conflito, como se dava no Rio Grande do Sul. Para mobilizar o 3º Corpo de Exército, Osório teve de fazer grande apelo ao seu carisma e prestígio. A despeito disso, esta unidade angariou 5.300 (cinco mil e trezentos) combatentes que, somados aos recompletamentos do 1º e 2º Corpo, elevam o efetivo do Exército Imperial a casa dos 50.000 (cinquenta mil) homens.

Contando com o Arsenal de Guerra de Porto Alegre, foi possível equipar e fardar a contento este efetivo. A *Minié* e o *Enfield* permaneceram como armamento individual padrão das forças, padronizou-se o cartucho e o calibre da alma das armas. Ocorreu a tentativa de introdução de fuzis retrocarga tipo disparo por agulha, modelo *Dreyse*, porém a sequência de falhas os fez cair em descrédito.

Digno de louvor também foi a iniciativa de Caxias em adquirir os balões de observação, cujo emprego permitiu visualizar as posições inimigas e balizar o prosseguimento das operações pelo seu flanco esquerdo.

O autor verificou também a má qualidade dos produtos do Arsenal de Guerra da Corte e do Laboratório Pirotécnico do Campinho: Os canhões fundidos no Brasil desgastavam-se mais rápido do que seus semelhantes franceses e espanhóis; as munições aqui fundidas foram de má qualidade, disformes, percutindo dentro dos canhões, bem como as espoletas falhavam, muito devido à umidade do transporte fluvial. Para mitigar essa situação, recorreu-se ao acondicionamento das granadas na fábrica de munições em Corrientes.

O grande trunfo deu-se, porém, na logística dos meios de mobilidade. Caxias comprou cavalos e adotou a aquisição e distribuição de milho e alfafa. Sabendo da necessidade da cavalaria para as operações, mandou poupá-la em duas ocasiões: na marcha de Osório do Rio Grande do Sul até *Passo da Pátria*, bem como durante o sítio final a *Humaitá*.

Destas ações incorre que o Exército Imperial rapidamente recuperou sua mobilidade; já em julho de 1867 pode executar amplo movimento que, em menos de um mês, penetrou quarenta e cinco quilômetros adentro do território inimigo, posteriormente envolvendo a fortaleza de *Humaitá*. As tropas brasileiras romperam a inércia reinante desde o desembarque no *Passo da Pátria*.



Caxias não descuidou também da logística de saúde. Reorganizando os hospitais, distribuindo os medicamentos existentes à época, melhorando as condições de vida dos doentes, pode combater o terrível *colera morbus* e diminuir a porcentagem de baixados.

## 2.7. PROSEGUINDO PARA ASSUNÇÃO

Conquistada *Humaitá* em 5 julho de 1868, a primeira medida de Caxias foi a transferência e a unificação nesta posição das bases logísticas de *Corrientes*, *Passo da Pátria*, *Tuiuti* e *Tuyu Cué*, deixando o 2º Corpo de Exército responsável por sua segurança<sup>158</sup>. Com seus meios de mobilidade poupados durante o assédio a fortaleza, a cavalaria do Exército Imperial, com Andrade Neves a sua testa, pode prosseguir velozmente buscando contato com o inimigo.

A 5 de setembro a vanguarda atingiu o rio *Tebicuary*, 60 (sessenta) quilômetros ao norte de *Humaitá*, e a 1º de outubro, a progressão é barrada defronte a posição fortificada paraguaia apoiada no rio *Piquiciri*<sup>159</sup>. A distância percorrida em menos de dois meses atingiu a marca expressiva de 200 (duzentos) quilômetros, a despeito do terreno pantanoso, desconhecido, chuvas abundantes e extensos atoleiros<sup>160</sup>.

A obtenção de forragem, tal qual acontecia com os víveres, deu-se por meio da compra direta com fornecedores. A logística nesta área estava tão bem organizada que em meados de setembro, quando Andrade Neves destacado a frente informou a Osório ser impossível adquirir forragem em sua posição, contava ele com um estoque de milho suficiente para três dias<sup>161</sup>.

As posições paraguaias do *Piquiciri* eram organizadas a ponto de impedir um assalto frontal. Apoiada nas baterias de *Angostura*, também o era transpô-la com o Exército embarcado na Esquadra<sup>162</sup>. Surgiu então a genial manobra do *Chaco*. Caxias translada para a margem oeste do rio Paraguai o 1º Corpo, que constrói uma estrada improvisada de 10 quilômetros<sup>163</sup> na direção norte através dessa região pantanosa. A Esquadra força e ultrapassa

---

<sup>158</sup> EME, 1972, p. 645

<sup>159</sup> Idem, p. 647

<sup>160</sup> FRAGOSO, 2012, p. 32

<sup>161</sup> PARANHOS, 1943, p. 109

<sup>162</sup> EME, 1972, p. 647

<sup>163</sup> FRAGOSO, 2012, p. 45

*Angostura*, trasladando em dezembro o Exército para a margem leste do rio Paraguai, a norte do *Piquiciri*<sup>164</sup>.

Ocupando a cabeça-de-ponte na localidade paraguaia de *Villeta*, Caxias organiza aí uma base de apoio logístico avançada com armazéns e depósitos, abastecida pela Esquadra<sup>165</sup>. Decisivo apoio logístico prestou a Esquadra às operações para a conquista das posições do *Piquiciri*, no episódio que ficou conhecido como *Dezembrada*. Além dos 17.000 (dezesete mil) combatentes, 4.000 (quatro mil) cavalos<sup>166</sup>; transportou ela víveres, munição<sup>167</sup>, forragem<sup>168</sup> para toda a vanguarda do Exército.

Assim como na marcha de flanco e a conquista de *Humaitá*, o apresamento de víveres do inimigo prosseguiu como uma segunda e importante fonte de recursos. Em 14 de setembro, Andrade Neves apresou 600 (seiscentas) reses inimigas<sup>169</sup>; na Batalha de Avaí, 200 (duzentas)<sup>170</sup>; o maior apresamento aconteceu quando nada menos do que 4.000 (quatro mil) reses e 500 (quinhentas) ovelhas foram recolhidas no potreiro inimigo denominado *Mamoré*<sup>171</sup>.

Um fator que dificultou, porém não de maneira decisiva a obtenção de víveres foi que, após a Batalha de Avaí, verificou-se o crescente número de famílias e extraviados perambulando pela zona de operações<sup>172</sup>.

Essa logística geral permitiu que após sucessivos combates como *Itororó*, *Avaí*, *Lomas Valentinas* e *Angostura*, o Exército Imperial viesse a conquistar as posições do *Piquiciri*, restabelecendo a continuidade terrestre das linhas de suprimento e comunicações com *Humaitá*<sup>173</sup>. Após esse um mês de extenuantes e sangrentos combates, terminava o Exército em situação de exaustão: cavalos estropiados, infantaria extremamente fatigada, 4.000 (quatro mil) homens fora de ação; enfim, sem condições de prosseguir no encalço de López que fugira para a cordilheira com uma escolta de 60 (sessenta) homens<sup>174</sup>.

---

<sup>164</sup> EME, 1972, p. 647

<sup>165</sup> FRAGOSO, 2012, p. 86

<sup>166</sup> Idem, p. 57

<sup>167</sup> Idem, p. 71

<sup>168</sup> Idem, p. 26

<sup>169</sup> PARANHOS, 1943, p. 110

<sup>170</sup> FRAGOSO, 2012, p. 79

<sup>171</sup> PARANHOS, 1943, p. 119

<sup>172</sup> FRAGOSO, 2012, p. 87

<sup>173</sup> EME, 1972, p. 650

<sup>174</sup> FRAGOSO, 2012, p. 134 e 135

Destroçado o exército paraguaio, Caxias ordena a ocupação de Assunção, mas antes passou por *Villeta*, reorganizou os serviços, e dedicou grande atenção no tratamento dos feridos<sup>175</sup>. A capital inimiga teve sua ocupação a 5 de janeiro de 1869. Iniciou-se então o período de perseguição a Solano López na Cordilheira, em sua desesperada ação retardadora, imolando seus últimos recursos e combatentes. A guerra terminou com a morte do ditador paraguaio, em 1º de março de 1870.

Embora a luta prosseguisse com diversos combates, ocorria já uma desmobilização gradual dos efetivos, tanto que, em abril de 1869 o efetivo do Exército Imperial no Paraguai reduzira-se a pouco menos de 28.000 (vinte e oito mil) homens<sup>176</sup>, número bem inferior aos cerca de 50.000 (cinquenta mil) que iniciaram a marcha de flanco em julho de 1867. A logística do Exército neste período, por ter iniciado um processo de desmobilização dos meios, não constituiu o escopo deste trabalho.

### 2.7.1 O esforço total de guerra visto em números

O inestimável general Augusto de Tasso Fragoso, de cujas fontes se fez grande parte deste trabalho, no quinto volume de sua obra apresenta dados consolidados gerais a respeito da mobilização humana e material do Império na Guerra da Tríplice Aliança. Estes dados advêm de sucessivos relatórios do Ministério da Guerra, e estão organizados da maneira que se seguirá.

Sobre a mobilização nacional de combatentes, o comparativo com a França na Primeira Guerra Mundial mostra a formidável mobilização brasileira, considerando um Exército praticamente nulo em reservas organizadas. É indispensável levar em consideração a diferença entre dimensões territoriais do Brasil e da França, bem como a evolução industrial e nos meios de locomoção no período 1870 – 1914.

Quadro 2: comparativo mobilização nacional e França na Primeira Guerra Mundial

| País                 | Efetivo mobilizado | População  | %    |
|----------------------|--------------------|------------|------|
| Brasil (1865 – 1870) | 130.000            | 9.000.000  | 1,44 |
| França (1914 – 1918) | 8.324.000          | 41.620.000 | 20%  |

Fonte: FRAGOSO, 2014, p. 221

<sup>175</sup> FRAGOSO, 2012, p. 136

<sup>176</sup> FRAGOSO, 2010, p. 51

Outro dado, carente de comprovação, é o número total de mortes em combate de 1865 a agosto de 1869: 23.917 (vinte e três mil novecentos e dezessete)<sup>177</sup>. A fonte não considerou as mortes por doença e ferimentos, advindo a certeza de que o número geral de mortes é muito superior.

A produção e importação de canhões, durante os 4 (quatro) anos da mobilização, atingiu a marca de 131 (cento e trinta e uma) peças<sup>178</sup>. No que diz respeito ao armamento individual, somadas as *Minié* e os *Enfield* de todos os modelos, alcançou-se a marca considerável de mais de 58.000 (cinquenta e oito mil) armas<sup>179</sup>. A obtenção, tanto de canhões quanto de armamento individual, atingiu seu pico quantitativo em 1865, indicando que, após mobilizar-se o Exército para a transposição do Paraná, manteve-se a tropa regularmente armada.

Quanto à munição, mais alguns números. Considerando ambos os calibres de armamento individual, produziram-se durante a guerra mais de 54.000.000 (cinquenta e quatro milhões) de cartuchos, sendo o ano de menor produção o de 1865, e o maior, 1866<sup>180</sup>. O ocorrido pode indicar a relevância e a velocidade da produção da fábrica de cartuchos de Corrientes, em final de 65. Já granadas de artilharia, sistema La Hitte, remeteram-se ao *front* mais de 310.000 (trezentas e dez mil) de todos os tipos<sup>181</sup>.

A produção e importação de equipamento militar também são esmiuçadas. Remeteram-se às tropas a quantidade de mais de 48.000 (quarenta e oito mil) mochilas e 69.000 (sessenta e nove mil) equipamentos completos<sup>182</sup>. De todos os itens de fardamento, sobressaem-se os calçados que, somados coturnos e sapatos, atingiram a cerca de 336.000 (trezentos e trinta e seis mil) pares<sup>183</sup>. Comparando com o Quadro 2, é possível afirmar que para cada dois soldados mobilizados ao longo da guerra, distribuíram-se 5 pares de calçado.

---

<sup>177</sup> FRAGOSO, 2014, p. 255

<sup>178</sup> FRAGOSO, 2014, p. 243

<sup>179</sup> Idem, p. 243

<sup>180</sup> Idem, p. 245

<sup>181</sup> Idem, p. 248

<sup>182</sup> Idem, p. 245

<sup>183</sup> Idem, p. 253

### 3. CONCLUSÃO

O autor deste trabalho verificou que o Exército Imperial em fevereiro de 1865 encontrava-se despreparado para a guerra que viria a se empreender. Pequeno, carente de recursos materiais (inclusive os básicos), esbarrava na falta de uma reserva como seu maior problema. Estabelecido o Plano de Caxias, passou o Governo Imperial e o comando do Exército, sobretudo o general Osório, a tomar medidas para empreender a invasão do Paraguai, bem como estruturar logisticamente o Exército para fazer crescer e manter sua capacidade combativa.

O prosseguimento das operações deu-se sempre eixado com o rio Paraná e Paraguai, conforme estabelecido no Plano. Coube a Osório mobilizar a base de operação em *Corrientes* e dar início a do *Passo da Pátria* e *Tuiuti*. Caxias, por sua vez, empreendeu grandes melhorias em *Tuiuti*, ocupou a de *Tuyu Cué* durante a marcha de flanco, a de *Humaitá* após a capitulação da fortaleza e a de *Villeta* durante a marcha de flanco.

No sistema logístico de pessoal, os efetivos necessários foram mobilizados satisfatoriamente através da Guarda Nacional e dos Voluntários da Pátria. Em 1865 e 1866 ocorre uma grande adesão popular, o 1º e o 2º Corpo de Exército passam de 8.000 (oito mil) e 6.500 (seis mil e quinhentos) homens, respectivamente, para 38.000 (trinta e oito mil) e 14.500 (quatorze mil e quinhentos). Como se vê, a despeito da inexistência de uma reserva, foi possível atingir os efetivos necessários à invasão.

Mesmo quando em julho de 1867 Caxias necessitou recompletar sua força, obteve os 50.000 (cinquenta mil) homens necessários para a conquista de Humaitá e o prosseguimento das operações. Nesta época já se instalara, pelo menos no Rio Grande do Sul, uma dificuldade em obter voluntários, contornada através do carisma e do prestígio de Osório, que recebeu a missão de lá mobilizar o 3º Corpo de Exército. A logística, nessa área de atuação, em seu processo de determinação de necessidades e obtenção de recursos executou-se a contento.

O sistema logístico de material apresentou a seguinte evolução: Durante todo conflito, o suprimento de víveres deu-se através do contrato direto entre o Exército e fornecedores civis, mesmo dentro do território inimigo. À medida que se progredia em direção a *Humaitá* e Assunção, ficou cada vez mais comum o apresamento de grande

quantidade de reses do inimigo. A alimentação, a base da carne de gado, foi abundante em todas as fases analisadas da guerra. O Exército operou com reconhecido êxito esta fração da atividade logística militar.

A obtenção e distribuição de fardamento, equipamento militar geral e específico viveu uma fase inicial de dificuldades. Como não haviam depósitos ou estoques disponíveis, sobretudo na região em que se encontrava, Osório adquiriu tudo que precisou diretamente de fornecedores civis na região do Prata para iniciar a preparação do 1º Corpo. Dessa maneira, ele rapidamente supriu o grande volume de tropas que chegavam da Corte e iniciou a marcha para *Corrientes*.

A partir do estabelecimento da base de operações em *Corrientes*, decorrido um ano da guerra, o fluxo logístico de material já melhorara significativamente. As instalações logísticas da Corte passaram a remeter os itens necessários, de maneira que, nas vésperas da invasão do Paraguai, já estava padronizado o fardamento e o equipamento do Exército. A situação manteve-se estável durante o restante do conflito, foi possível construir e mobiliar estoques e depósitos nas bases de operação.

No que tange a armamento, o esforço principal de produção realizou-se nas instalações do Arsenal de Guerra da Corte e de Porto Alegre. Quantitativamente, proveu-se a contento o Exército, de maneira que em nenhum momento a falta de armamento foi óbice às operações. Solucionou-se o problema pré-existente da duplicidade de calibres do armamento individual e aumentou-se em mais de 100 (cem) o número de peças de artilharia do Exército, a despeito da qualidade duvidosa dos canhões fundidos no Brasil.

Houve um problema considerável quanto à qualidade da munição de artilharia produzida pelas instalações da Corte, agravada por descuidos no traslado para a região de operações. Nesse ínterim, destacou-se a fábrica de cartuchos de *Corrientes*, que criada por Osório, teve de recondicionar a munição enviada da Corte.

Em uma falha no sistema logístico de material, no que tange aos meios de mobilidade, deu-se o grande entrave para as operações. Durante todo o período compreendido entre o início da Guerra até a assunção de Caxias, não houve aquisição ou distribuição de alfafa e milho a cavallhada, bem como a aquisição de cavalos foi abaixo das necessidades. Enfrentando as más pastagens argentinas e paraguaias, bem como as marchas forçadas, a cavalaria do 1º Corpo encontrava-se com apenas 13% (treze por cento) ou 600 (seiscentos)

dos seus homens montados após a Batalha de *Tuiuti*. Dessa forma, não foi possível empreendera perseguição às tropas de López, que poderia ter resultado no abreviamento da guerra.

Dos mesmos problemas sofreu o 2º Corpo. O comando aliado esperava recuperar a mobilidade do Exército Imperial quando transferiu este corpo para o fronte, anseio este que não se concretizou. Sem meios de mobilidade, tiveram os aliados e o Exército que abrir mão de operações em profundidade, decidindo por efetuar o ataque parcial sobre *Curuzu* e *Curupaiti*, cujo malogro custou tempo e grande número de vidas.

As ações de Caxias, determinando a aquisição de forragem e novos cavalos, bem como a economia dos mesmos durante a concentração e marcha do 3º Corpo e também no sítio a *Humaitá* foram decisivas para o reinício e a manutenção da ofensiva do Exército. A situação da cavalaria só veio a declinar ao final da Dezembroada, quando após exaustivo mês de combates sangrentos e decisivos, já estava aberto o caminho para Assunção.

Na Logística de Saúde, diferentes foram os desafios ao longo do conflito. Osório precisou prover apoio durante uma longa marcha, executada nas duras condições meteorológicas do inverno no pampa. Organizando hospitais em Montevideu, *Salto*, *Corrientes* e o Ambulante, e a despeito das condições de higiene precárias, logrou êxito em manter estável o número de baixados. Caxias, por sua vez, teve de enfrentar a epidemia de cólera, adotando medidas como o isolamento e distribuição de quinina e aguardente. Racionalizando o número de hospitais, conseguiu combater o mal, e ao longo do seu comando, diminuir de um terço para um quinto o número de baixados.

Gigantesco foi o esforço logístico de mobilização nacional, bem como as dificuldades enfrentadas pelas lideranças do Exército Brasileiro, sobretudo Osório e Caxias. O primeiro teve de empreender toda uma preparação logística emergencial, já iniciada as hostilidades, executada em marcha contínua, em um momento que as estruturas de apoio ainda não estavam prontas.

Ao segundo, coube a tarefa de reorganizar o 1º e o 2º Corpo, bem como dar as diretrizes para a formação do 3º, verificando os erros cometidos, empreendo uma melhoria contínua da sistemática e instalações logísticas. A Caxias cabe o trunfo de ter se apercebido da gravidade da falta de meios de mobilidade do Exército, bem como de ter tomado as

medidas necessárias para o restabelecimento e manutenção da capacidade de manobra através da preocupação constante com o fornecimento de forragem à cavalhada.



## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Paranhos. **Andrade Neves, o Vanguardeiro!** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1943.
- BRAZ, Márcio Alexandre de Lima. **Logística militar e o serviço de intendência: uma análise do programa excelência gerencial do exército brasileiro.** Rio de Janeiro – RJ: FGV, 2004.
- CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, 5ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1974.
- CLAUSEWITZ, Karl von. **Da Guerra.** Disponível em: << <https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>>> acesso em 12 abr 17
- COMISSÃO DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO MARECHAL OSÓRIO. Exército Brasileiro. **Ordens do Dia da Guerra do Paraguay: Primeiro Corpo de Exército, sob o comando do Marquez do Herval, 2ª d, v. 1.** Rio de Janeiro: ZL, 2008.
- DUARTE, Gen Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**, volume 1. Rio de Janeiro – RJ: BIBLIEX, 1981.
- ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército Brasileiro.** Brasília – DF: Estado Maior do Exército, 1972.
- ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. **EB20 – MC – 10.204 - Logística**, 3ª ed. Brasília – DF: CDOUTEX, 2014.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**, v. 2. Rio de Janeiro: Bibliex, 2010.
- \_\_\_\_\_. **História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**, v. 3. Rio de Janeiro: Bibliex, 2011.
- \_\_\_\_\_. **História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**, v. 4. Rio de Janeiro: Bibliex, 2012.
- \_\_\_\_\_. **História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**, v. 5. Rio de Janeiro: Bibliex, 2014
- MAGALHÃES, João Batista. **A evolução militar do Brasil.** Rio De Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- NASCIMENTO, Luiz Augusto Rocha do. **Preparação logística para a guerra da Tríplice Aliança: A organização do 1º Corpo do Exército Imperial Brasileiro.** Juiz de Fora – MG: UFJF, acessado em 20 de março de 2017, disponível em: << <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/PLPGTPA.pdf>>>